

MARCAS E APRENDIZAGENS DA HETERONORMATIVIDADE EM FILMES INFANTIS

Helma de Melo Cardoso (UFS)¹
Anselmo Lima de Oliveira (UFS)²
Alfrancio Ferreira Dias (UFS)³

RESUMO

O objetivo deste texto é analisar a trilogia *Toy Story* com foco nas discussões do conceito de heteronormatividade. Metodologicamente, adota-se a perspectiva analítica pós-crítica sobre os filmes citados, lançados nos anos 1995, 1999 e 2010, nos quais estão inseridas questões sobre corpo, gênero e sexualidade. Infere-se que os filmes apresentam naturalizações dos comportamentos femininos e masculinos, demarcando padrões de comportamento de gênero socialmente aceitos, desde a separação de brinquedos de meninos e meninas até os papéis sexuais atribuídos a homens e mulheres. Percebe-se que o comportamento que foge à norma heterossexual é logo destacado e censurado, negando-se formas diferentes de se constituir identidades.

Palavras-chave: Heteronormatividade. Gênero. Identidade. Sexualidades.

LEARNING HETERONORMATIVITY IN TOY STORY

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the *Toy Story* trilogy focusing on discussions of the concept of heteronormativity. Methodologically, it adopts a post-critical perspective in order to analyze issues of body, gender and sexuality within the films, released in 1995, 1999 and 2010. The trilogy presents naturalization of male and female behaviors, according to accepted social standards, marking a pattern of gender behavior that spans from the separation of boys and girls' toys up to the gender roles assigned to men and women. It is possible to perceive in the movies that behaviors that transgress heterosexual norms are pointed out and censored, thus denying different ways of constituting identities.

Keywords: Heteronormativity. Gender. Identity. Sexualities.

¹ Mestranda em Educação, PPGE/UFS. E-mail: helma.2010@hotmail.com.

² Mestrando em Educação, PPGE/UFS. E-mail: anselmo2014@gmail.com.

³ Doutor em Sociologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Sergipe. Desenvolve Estágio de Pós-doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sendo bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado – PNPd/CAPES. diasalfrancio@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, observamos que os estudos sobre corpo, gênero e diversidade sexual têm ganhado destaque nas análises de vários/as pesquisadores/as das mais variadas áreas do conhecimento. Esses estudos têm nos mostrado como estudar essas categorias é importante para pensarmos sobre a educação e o desenvolvimento das práticas formativas. São questionados os papéis femininos e masculinos na sociedade e na escola, as brincadeiras sexistas, a ausência dessas temáticas nos currículos escolares e nos Projetos Políticos e Pedagógicos, a formação docente, as políticas públicas educacionais, os posicionamentos dos agentes escolares etc. Nesse sentido, olhar para essas temáticas, seria dar visibilidade e mostrar sua importância para uma formação não discriminadora e mais tolerante com as diferenças.

Homens e mulheres foram educados de forma diferente no decorrer da história e socialização humana. Os gêneros foram construídos para demarcar os corpos e os lugares de homens e mulheres na sociedade, excluindo os que não se enquadravam nesses moldes ou os que estão na *fronteira* (DIAS e OLIVEIRA, 2015). Nessa perspectiva, os papéis masculinos e femininos no cotidiano das relações sociais foram normatizados e naturalizados com base numa justificativa biológica, desprezando-se aspectos sociais e culturais, ou seja, criou-se a heteronormatividade compulsória, enquadrando homens e mulheres em lugares e papéis pré-determinados.

A heteronormatividade é determinante no processo civilizador das crianças, na medida em que são impostas características de masculinidade ou feminilidade para a escolarização do corpo na família, nas práticas escolares e em outros processos de socialização. Em outras palavras, o discurso de normatização acontece nesses lugares e espaços, não apenas quando se utiliza um ou outro polo da oposição, mas pela maneira que é colocado em prática, visando a padronização de todos/as, desde muito cedo (DIAS, 2014; DIAS, 2013; LOURO, 2010).

Meninos e meninas são escolarizados (socialização secundária) para compreenderem o que é ser menino e menina, quais lugares, papéis, atitudes que devem ter ou reproduzir, criando-se discursos e artefatos culturais que auxiliem nesse processo. Foucault, em *Vigiar e Punir* (1987), ao refletir sobre a normatização da conduta de meninos e meninas, professores e professoras, bem como a produção dos saberes sobre a sexualidade e os corpos nos múltiplos processos educativos, contribui para o campo da educação, visto que, para ele, as relações de poder são determinantes para a disseminação dessas normatizações.

A partir desses argumentos iniciais, utilizaremos o artefato cultural “filmes infantis” para refletirmos sobre como esses filmes contribuem para disseminar a heteronormatividade, na medida em que são usados pedagogicamente em várias instituições de ensino. Não se pretende com isso esgotar o assunto, mas problematizar e instigar pesquisadores/as, educadores/as e estudantes para uma reflexão acerca de como a heteronormatividade é disseminada e imposta.

Este texto tem como objetivo realizar uma análise de um artefato cultural do mundo contemporâneo: a trilogia *Toy Story*, com enfoque nas relações de gênero, a partir da discussão dos conceitos de identidade e heteronormatividade, interessando-se, principalmente, pela discussão a respeito da reafirmação de uma identidade hegemônica e de parâmetros de normalidade. Metodologicamente, nosso foco será uma análise e discussão de inspiração pós-crítica sobre os filmes da trilogia em tela, lançados nos anos 1995, 1999 e 2010, nos quais estão inseridas questões sobre corpo, gênero, sexualidade.

A escolha de um filme infantil se deve ao fato desse produto contemporâneo realizar uma transmissão de conhecimentos e valores, contribuindo para afirmar uma forma de sexualidade como normal; e também por se tratar de um produto de grande circulação no

mundo infantil, difundindo amplamente um determinado currículo cultural. Os filmes, segundo Louro (2008, p.18), assim como outras mídias, nos rodeiam com seus conselhos e ordens que nos controlam e censuram, constituindo-se em verdadeiras “pedagogias culturais”.

AS REPRESENTAÇÕES DA HETERONORMATIVIDADE NOS FILMES

Toy Story foi lançado em 1995, como o primeiro longa-metragem totalmente feito por computação gráfica dos Estúdios *Pixar*. Filme de grande sucesso, maior bilheteria do ano nos Estados Unidos da América, conta a história de brinquedos que ganham vida na ausência de humanos e fazem de tudo para manter o dono feliz. O xerife *Woody* é o boneco preferido de seu dono, *Andy*, que é uma criança de imaginação fértil e que está sempre brincando com *Woody*, *Slinky* (cachorro de molas), Sr. Cabeça de Batata, o Porquinho, *Buzz Lightyear* (boneco do espaço).

No primeiro filme da trilogia, a relação de *Woody* com seu dono é ameaçada pela chegada de *Buzz Lightyear* e passa dos limites derrubando pela janela seu rival, para tentar reconquistar a atenção de *Andy*. Ao longo do filme, *Woody* encontra em *Buzz Lightyear* um novo amigo e juntos lutam contra o garoto vizinho perverso, *Cid*, e conseguem voltar para casa. No segundo filme, lançado em 1999, durante uma brincadeira *Andy* rasga o braço de *Woody* e decide não levá-lo ao acampamento caubói, evento esperado ansiosamente pelo boneco. *Woody* é roubado por *Al* (dono de um mercado de brinquedos) para ser vendido a um museu, junto com os demais bonecos e artigos da coleção: a boneca *Jessie*, o cavalo Bala no Alvo e o Mineiro. No terceiro filme, lançado em 2010, *Andy* cresceu e está indo à faculdade. Por engano, seus brinquedos, que pretendia guardar no sótão, são doados à creche *Sunnyside*, que é dominada pelo urso *Lotso*, brinquedo malvado que, com a ajuda de *Ken* e do Bebê, não permitem a saída de *Woody* e seus colegas.

Os filmes trazem para o mundo infantil uma mistura de fantasia e diversão, propondo à criança modos de se comportar em sociedade. Seus elementos, segundo Sabat (2002), trazem posições de sujeito quanto às mais diversas questões: raça, classe, gênero, sexualidade etc. Todos os filmes obedecem a uma lógica narrativa que mostra comportamentos marcadamente dicotômicos (bem x mal), um conflito e um final feliz. As relações afetivas ocorrem invariavelmente entre masculino e feminino, sejam pessoas, animais ou bonecos, retratando uma visão de gênero binária e polarizada, que reproduz o binarismo de sexo, apresentando a relação heterossexual como única opção possível. Essa representação de gênero tem implicado relações de desigualdade entre homens e mulheres. Segundo Sardenberg e Macedo (2011, p.34), “as identidades sexuais não são inerentes à biologia dos sexos e sim construções sociais, histórica e culturalmente específicas, logo, passíveis de transformação”.

Nos três filmes podemos observar bonecas com representações diversas de feminilidade: no primeiro, a boneca camponesa; no segundo, a boneca caubói *Jessie*; e, no terceiro, a *Barbie*. Também encontramos bonecos com representações de masculinidade diferentes, destacando-se *Ken* no terceiro filme, visto que ele apresentava características femininas, tornando-o um personagem híbrido e que perturba as normatizações de gênero. Podemos perceber várias formas de se fazer mulher ou homem, já que a construção do gênero ocorre, segundo Louro (2008), por variadas aprendizagens e práticas nas diversas instâncias sociais e culturais.

Em particular, no caso das mulheres, segundo Sardenberg e Macedo (2011), existe uma tendência de pensá-las a partir de sua condição biológica delicada e que permite gestar, parir e amamentar. Atré-las a isso vêm, como consequência, outras atividades como o cuidado das

crianças e atividades do lar. Essas diferenças “biológicas” vêm ao longo do tempo servindo de justificativa para a subordinação das mulheres. No primeiro longa metragem encontramos a boneca pastora de ovelhas (Figura 1) numa representação de mulher delicada, sendo utilizada por *Andy* em suas brincadeiras como a “mocinha” inativa que precisa ser salva pelo herói. Entretanto, a personagem desenvolvia atividades de pastoreio, que historicamente era uma atividade masculina, realizada fora da casa. Ao pastorear, a personagem também foge das normas heteronormativas. Assim, no transcorrer do filme não participa da ação, atividade deixada para os brinquedos do sexo masculino, trazendo, marcadamente, a diferença entre homem e mulher, em que possuem características distintas e excludentes.

As expectativas sociais quanto ao sexo de uma criança se manifestam já na gestação; dessa forma, artigos são adquiridos para a criança de forma padronizada conforme o sexo. Podemos observar que os brinquedos de *Andy* estão, em geral, dentro do padrão masculino. No primeiro filme, a irmã de *Andy*, *Molly*, ganha uma Sra. Cabeça de Batata; já seu irmão, possui um Sr. Cabeça de Batata. É por essa repetição das normas de gênero que “o corpo adquire status de natural, e é por meio desse processo, também, que novas construções são possibilitadas” (REIS e PARAÍSO, 2014, p.243).

Nesse sentido, encontramos outras práticas no desenho animado que retratam a produção da dicotomia menino x menina: na casa de *Cid* suas brincadeiras são de aventura, violentas, enquanto sua irmã brinca com bonecas e casinha, que são formas de representar os comportamentos de gênero normatizados. Do menino espera-se que seja mais ativo, competitivo; e da menina espera-se que seja pacata, delicada. No primeiro filme, *Buzz Lightyear* é encontrado pela irmã de *Cid* e colocado numa brincadeira de casinha. Quando *Wood* o vê nessa situação, estranha, pois ele está numa brincadeira de menina. No final do segundo filme, *Wood* e sua turma, numa tentativa de dar uma lição no boneco Mineiro, o colocam numa bolsa de menina, cor de rosa, florida e com uma boneca *Barbie*, denotando que para um boneco masculino seria um castigo pertencer a uma menina. Tais cenas retratam a demarcação da linha que separa brincadeiras de meninos e de meninas e, quando se ultrapassa o limite, fica-se deslocado, sentindo-se até mesmo penalizado.

Há, ainda, outros exemplos: no segundo filme, a boneca caubói pertence inicialmente a uma menina que, com o passar dos anos, a troca por outras brincadeiras, consideradas de adolescentes meninas, como esmaltes e produtos de maquiagem. No final desse mesmo filme, a boneca *Jessie* (Figura 2) fica em dúvida se será aceita por *Andy*, mas, ao descobrir que ele tem uma irmã, fica aliviada, trazendo, marcadamente, a separação existente entre os universos feminino e masculino. Segundo Perucchi (2013), tal binarismo se fixa em nossa subjetividade de forma que não encontramos espaço para nos perguntar o porquê dessa divisão de brinquedos, roupas e comportamentos diferenciados para meninos e meninas. Cabe lembrar, porém, que sendo relações de poder, as relações de gênero são fluidas e passíveis de mutação. Historicamente tem predominado uma “situação real de prestígio, privilégios e poder maior para os homens” (SARDENBERG e MACEDO, 2011, p.38), o que urge mudar.

Faz-se notar, também, o comportamento da boneca *Jessie*, que foge do estereótipo esperado para as meninas, visto que é mais ativa, afeita a aventuras, fala alto e chega mesmo a brigar “como menino” com *Woody*. Assim, remete-se a Hall (2003), que considera as identidades fluidas, fragmentadas, em crise, sendo definidas histórica e culturalmente, e não determinadas biologicamente.

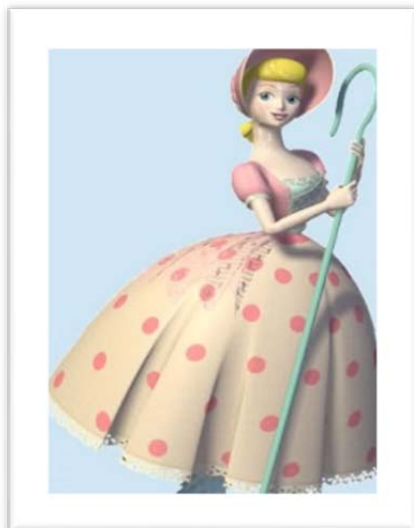


Figura 1: Boneca pastora de ovelhas
Fonte: http://es.disney.wikia.com/wiki/Bo_Peep



Figura 2 Boneca caubói Jessie
Fonte: <http://www.tricae.com.br/boneca-jessie-toy-story-com-som-mattel-15341.html>

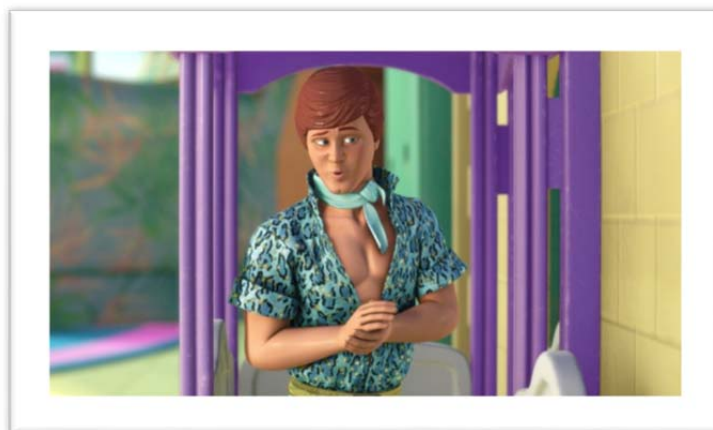


Figura 3: Boneco Ken.
Fonte: <http://pixar-planet.fr/en/quotes-toy-story-3/>

Frente a essa separação nítida de gênero surge a crítica àquele que se diferencia da categorização, nesse caso, o boneco *Ken* (Figura 3), que aparece no terceiro filme. Esse boneco apresenta características aceitas como femininas, como interesse demasiado por roupas e acessórios da moda, sendo constantemente alvo de brincadeiras geradas pelos demais brinquedos que insinuem sua homossexualidade. Essas gozações indicam a tentativa de se estabelecer a normatização de comportamento, visto que o boneco se encontra deslocado do gênero masculino ou, ainda, na fronteira entre os gêneros. A heteronormatividade, enquanto conjunto de regras que normalizam as identidades sexuais e de gênero estabelece maneiras de ser, atitudes e comportamentos de homem e de mulher.

Segundo Grespan e Goellner (2011), a lógica ocidental é binária (homossexual x heterossexual) e produz uma classificação hierarquizada, fazendo com que o diferente seja qualificado negativamente, reafirmando a heterossexualidade como norma:

Ao longo da história, podem ser identificados vários discursos e saberes em torno da sexualidade. Um deles, e o mais potente, é aquele que representa a heterossexualidade como verdadeira, normal e inevitável. Em outras palavras, é a norma e, por assim ser, não precisa ser dita uma vez que seu acontecer está “naturalmente dado”. Em oposição a esta heterossexualidade está a homossexualidade representada como patológica e desviante. (GRESPLAN e GOELLNER, 2011, p.105).

A esse respeito, Butler (2014) sinaliza que o gênero, sendo uma norma, opera nas práticas sociais a partir de uma normalização implícita, sendo de difícil percepção, pois é sutil e mais perceptível nos efeitos que produz. Nas palavras da autora:

Gênero é o aparato pelo qual a produção e normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminino” é perder de vistas o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações do gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo. (BUTLER, 2014, p.253)

Então, a norma atribui inteligibilidade ao campo social e o normatiza, porém cria um paradoxo, pois quando algo está fora da norma, ainda assim, continua sendo significado dentro de seus parâmetros.

É importante notar que essa norma produz sujeitos que a reproduzem naturalmente em seu dia a dia. A autora ainda completa que:

Desviar-se da norma de gênero é produzir o aberrante exemplo que os poderes regulatórios (médico, psiquiátrico, e legal, apenas para nomear alguns) podem rapidamente explorar para alavancar a racionalidade de seu próprio zelo regulador continuado. (BUTLER, 2014, p. 267)

É dessa forma que o comportamento de *Ken* é visto no filme como desviante da norma, aberração. Em outra cena, a *Barbie* se disfarça de *Ken* para enganar um brinquedo e conseguir o manual do *Buzz Lightyear*. Depois de adquiri-lo, quando já está saindo do local, o brinquedo nota que ele (*Barbie*) está usando salto alto e faz um gesto de repreensão ao seu comportamento, acreditando ser mesmo o *Ken* que está usando salto e reprovando o fato de utilizar um acessório feminino. Percebemos que os corpos são medidos de acordo com o gênero a partir das falas, gestos, roupas. Nos créditos do filme, *Woody* recebe uma carta de *Ken* contando como as coisas estão em harmonia em *Sunnyside* e todos pensam que foi escrita pela *Barbie*, pois tem as letras delineadas e de cor roxa com *glitter*.

Assim, como observamos as diversas identidades femininas mencionadas no início deste texto, podemos também destacar as diversas formas de se fazer homem, pois “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008, p.18), posto que a constituição da identidade de gênero ocorre ao longo da vida de forma contínua. É evidente, porém, que as mais diversas instituições (escola, mídia, igreja, família e outras) impõem um modelo nesse processo constitutivo. No entanto, na contemporaneidade surgiram novas vozes e se multiplicam os modos de dar sentido ao gênero e à sexualidade.

O grande desafio no campo do gênero e da identidade sexual, segundo Louro (2008), está na aceitação da multiplicidade de formas de se vivenciar a sexualidade, que não cabem mais em esquemas binários (homem-mulher, heterossexual-homossexual). “O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e – o que ainda é mais complicado – admitir que o lugar social que alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (p.21).

As normas de gênero buscam produzir um corpo normal que se comporta de maneira culturalmente aceita, de forma que um sujeito masculino deverá se relacionar com mulheres e um sujeito feminino com homens. No filme, percebemos claramente essa norma no estranhamento dos demais brinquedos ao comportamento que se diferencia, nesse caso, do boneco *Ken*. Esses mesmos comportamentos de rejeição servem como regulador do comportamento dos meninos, pois buscarão se afastar das características femininas, sob pena de passarem pelas mesmas rejeições que o boneco (REIS E PARAÍSO, 2014). Em contrapartida, o boneco *Ken* também pode ser um modelo para meninos gays se identificarem, pois incluir um boneco com características femininas já é uma mudança significativa no sentido da visibilidade gay, mesmo que *Ken* não seja gay. Personagens como o boneco *Ken* e a boneca *Jessie* nos apresentam ambiguidades e também mudanças positivas, ao situarem o corpo em fronteiras de gênero, desenvolvendo e vivendo experiências de masculinidades e feminilidades fluidas.

Ao final do terceiro filme, *Ken* consegue namorar a *Barbie*, demonstrando que sujeitos, para serem normais e aceitos, precisam ser heterossexuais. Observamos ao longo dos três filmes que todos os casais que se formaram foram casais heterossexuais (Figura 4): *Woodie* e a pastora, *Buzz Lightyear* e *Jessie*, senhor Cabeça de batata e senhora Cabeça de batata. Assim, a identidade sexual normal, ou seja, a heterossexual, se naturaliza, colocando dentro da anormalidade qualquer outra que se diferencie. Percebemos, então, que os filmes refletem o currículo cultural que reafirma a heteronormatividade, reproduzindo normas e regras que regulam as identidades sexuais e de gênero. Mesmo com esse cenário, os filmes criam um espaço de subversão e de mudança nas configurações de gênero dentro do padrão heteronormativo.

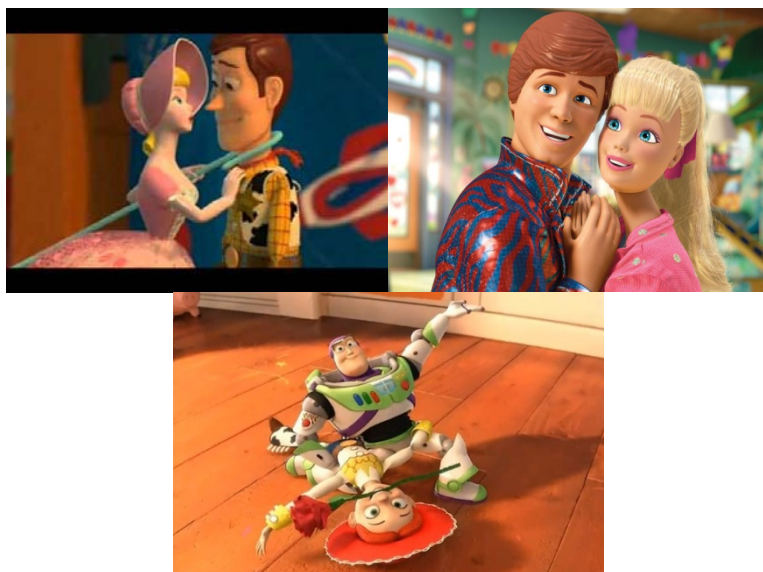


Figura 4: Casais da trilogia Toy Story

Fonte: <http://www.planetadisney.com.br/ken-e-barbie-estrelam-novo-curta-de-toy-story/>

Nesses filmes, os relacionamentos são invariavelmente heterossexuais, assim, a norma heterossexual se reafirma, exercendo seu poder insidioso por meio de uma lógica que é refletida por toda parte, expressando-se por meio de recomendações repetidas no cotidiano, tornando-se natural. Por outro lado, reconhecer que as classificações binárias não dão conta de explicar as possibilidades da sexualidade, não significa dizer que os sujeitos têm trânsito livre nesses territórios e que sejam considerados igualmente (LOURO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trilogia *Toy Story* se apresenta como instrumento educativo e, como tal, não é neutra, mas está carregada de objetivos, pois através dela se aprendem comportamentos e atitudes socialmente aceitos, regras morais e formas de ser. Assim, traz em seu bojo naturalizações do comportamento feminino e masculino aceitos pelos padrões sociais ainda vigentes. Percebemos, desse modo, que o comportamento que foge à heteronormatividade é repreendido pelos demais. Dessa forma, sendo as identidades constituídas em relações de poder, por consequência, na normatização da heterossexualidade há uma naturalização que leva todos os diferentes para a anormalidade.

Vale ressaltar que a trilogia apresenta diversas identidades femininas e masculinas que, de alguma maneira, trazem à tona a fluidez das identidades de gênero, fugindo da regra de modelos fixos de se fazer homem e mulher. No entanto, quanto à identidade sexual optou em seguir o padrão heteronormativo demonstrando que a sexualidade continua alvo de vigilância das sociedades.

Cabe demarcar também as lacunas temporais existentes entre os filmes: entre o primeiro e o segundo, um espaço de 4 anos; já do segundo para o terceiro, 11 anos, sendo lançado em 2010. Somente no terceiro houve espaço para mostrar o comportamento desviante, provavelmente porque as questões de gênero vêm sendo mais focalizadas nos últimos anos.

Nota-se que por trás do entretenimento de assistir a um filme infantil é repassado à criança todo um padrão de comportamento de gênero, desde a separação de brinquedos de meninos e meninas até os papéis sexuais atribuídos a homens e mulheres. As meninas são treinadas, desde cedo, para serem boas mães e donas de casa e os meninos para serem líderes, e fortes. Esse modelo é interiorizado na infância de forma que chegam a idade adulta carregando esses padrões dicotômicos.

Assim, qualquer um que se desvie do comportamento classificado como normal com relação ao gênero é logo destacado e censurado, negando-se as formas diferentes de se constituir identidades. Percebemos, aqui, o grande poder desse tipo de artefato cultural, o filme *Toy Story*, o qual traz em seu bojo um poder silencioso que penetra nas relações e impõe formas de conduta aceitáveis. Portanto, podemos perceber a importância dos grupos marginalizados se apropriarem dessas instâncias culturais para inscrever a sua representação e colocar em evidência questões de seu interesse.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu* (42), p. 250-274, jan-jun de 2014.

DIAS, A. F. Educando corpos, produzindo diferenças: um debate sobre gênero nas práticas pedagógicas. *Revista TOMO*, n. 23, p. 237-257, jul-dez 2013.

DIAS, A. F. *Representações sociais de gênero no trabalho docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

_____; OLIVEIRA, A. L. de. Azul é a Cor Mais Quente: discursos sobre o corpo, gêneros e sexualidades em fronteiras. *Revista Saberes*, n. 2, v. 1, p. 61-72, 2015.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da punição*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

GRESPLAN, C. L.; GOELLNER, S. V. "Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual": Sexualidade, educação e a potência do discurso heteronormativo. *Revista FACED*, Salvador. n. 19, p. 103-122, jan./jun. 2011.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 11.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

_____. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro- Posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, mai-ago 2008.

REIS, C. d'A.; PARAÍSO, M. A. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeitos meninos-alunos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(1): 416, p. 237-256, jan-abr 2014.

PERUCCHI, J. Gênero e lesbianidades: apontamentos para o campo da educação e da saúde. In: RODRIGUES, A.; BARRETO, M. A. S. C. *Currículos, gêneros e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas*. Vitória, ES: Edufes, 2013. p. 115-130.

SARDENBERG, C. M. B.; MACEDO, M. S. Relações de gênero: uma breve introdução ao tema. In: Costa, A. A. A.; TEIXEIRA, A.; VANIN, I. M. (Org.). *Ensino e gênero: perspectivas transversais*. Salvador: UFBA/NEIM, 2011.

SABAT, R. *Filmes infantis como máquinas de ensinar*. In: 25ª Reunião Anual da ANPEd Caxambu/MG, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/25/ruthfrancinisabatt16.rtf>. Acesso em: 20/11/14.